

Operação “Espadas de Ferro” – O Fantasma de Batis (Parte II)

Hermínio Matos

Em 332 a.c., Alexandre o Grande tomou Gaza – praça-forte estratégica para a conquista do Egito –, mas só depois de um longo cerco e enfrentando uma resistência feroz dos habitantes de Gaza, e o apoio de mercenários árabes, liderados por Batis, apelidado de “rei de Gaza” e leal servidor de Dario III, o Codomano, que já então fez uso de uma rede de túneis que a textura do solo de Gaza lhe permitiu desenhar dentro das muralhas da cidade. Depois de finalmente conseguir tomar a cidade, Alexandre, assolado pela raiva, exibiu o cadáver de Batis, arrastando-o, ao longo das muralhas da cidade, numa evocação explícita do episódio homérico de Aquiles e Heitor, autor que Alexandre muito admirava e de quem era leitor confesso.

Segundo Filii¹, os relatos desta batalha parecem ser as primeiras referências históricas ao subsolo de Gaza, cuja imbricada rede de túneis permanece na actual Faixa de Gaza. Factos históricos que, inexoravelmente, evocam o conflito armado actualmente em curso entre o Estado de Israel e a organização terrorista islamista Hamas.

Operação “Espadas de Ferro”

Em resposta aos ataques de 7 de Outubro de 2023, o Estado de Israel deu início à Operação “Espadas de Ferro”, uma operação militar que tem como alvos específicos as estruturas militares e de liderança do Hamas, cujo planeamento estabelece três fases de

intervenção: ataques aéreos, contra estruturas físicas e disposição estratégica das forças terrestres, visando delimitar um perímetro de segurança e contenção da ameaça; incursão das forças terrestres, especialmente através de unidades de operações especiais, por forma a eliminar quaisquer bolsas de resistência do Hamas; resgate dos reféns em segurança. Nenhuma destas fases é estanque, podendo as operações militares ocorrer em articulação, complemento ou sobreposição.

“Israel desenvolve acções militares, de carácter defensivo e preemptivo, na fronteira com o Líbano e nos Montes Golã(...)”

Embora a Faixa de Gaza, enquanto centro de gravidade do Hamas, seja o epicentro desta guerra, Israel desenvolve acções militares, de carácter defensivo e preemptivo, na fronteira com o Líbano e nos Montes Golã. Na Cisjordânia (Judeia e Samaria) – em cidades como Nablus, Jenin e Jerusalém – acções contraterroristas visam o controlo e detenção de elementos pertencentes ao Hamas, Saraya al-Quds ou Batalhão Jenin (Jihad Islâmica Palestina)², com vista à segurança e protecção de civis e militares israelitas naquele território.

A página oficial da Tzahal – acrónimo hebraico para Forças de Defesa de Israel³ – dava nota, em 12 de Outubro de 2023, de que os “terroristas do Hamas levaram bandeiras do ISIS para o massacre de homens, mulheres e crianças israelitas⁴, no ataque perpetrado na manhã do dia 7 de Outubro contra alvos civis e militares em território israelita. Esta informação era acompanhada por uma foto de uma bandeira do Daesh deixada num dos Kibutz alvo daquela organização terrorista.

Em publicação anterior, fizemos referência aos indícios técnicos que demonstravam a infiltração do Hamas por militantes do Daesh, ou grupos afiliados deste. Pelos níveis de violência e carnificina demonstrados, as táticas de acção empregues, e as fortes suspeitas de que alguns dos terroristas podiam estar, também, sob o efeito de substâncias psicotrópicas ou farmacológicas. Amiúde usado pelos “combatentes” do Daesh e pelo grupo Hay’at Tahrir al-Sham (HTS)⁵, na execução de ataques-relâmpago na Síria e no Iraque, o captagon (Fenetilina) é uma substância psico-activa, do grupo das anfetaminas, há muito traficada por redes clandestinas do Hezbollah, e sírias, o que faz da região do Médio Oriente um dos principais pontos de produção contrafeita, e posterior distribuição, a nível mundial.

Como referem Ganor & Halperin-Wernli⁶, o seu uso “reduz a sensação de dor, neutraliza as inibições e cria uma sensação de êxtase misturada com

euforia, que provoca comportamentos extremos e selvagens”. Esta “cocaína dos pobres”, potencia nos seus consumidores capacidades físicas, estado de alerta permanente e uma resistência física quase inesgotáveis, o que constituiria uma vantagem tática num confronto militar cuja duração e desfecho as cúpulas do Hamas desconheciam.

“Olho por olho, dente por dente” – um ciclo de violência interminável

Em Maio de 2023, as FDI eliminaram, na Faixa de Gaza, numa operação cirúrgica visando alvos terroristas de elevado perfil (HVT)⁷, Jihad Shaker al-Ghannam, Tareq Izzeldeen e Khalil Al-Bahtini, figuras de topo da Saraya al-Quds, o braço armado da Jihad Islâmica Palestiniana. A Operação, denominada “Escudo e Flecha”, teve a supervisão directa do Ministro da Defesa Yoav Gallant. Em resposta aos ataques, Tariq Selmi, o porta-voz da Jihad Islâmica, proferiu ameaças de retaliação e vingança pelos seus mártires.

As estratégias de decapitação – de líderes e estruturas de topo de organizações terroristas – continuam a dividir académicos e especialistas na área do contraterrorismo. Por um lado, a sua eliminação pode enfraquecer a coesão, comando e liderança dessas organizações⁸; por outro, a sua eliminação ou captura, designadamente em estruturas pouco centralizadas, descentralizadas em rede ou heterárquicas, não tem impacto na continuação da actividade terrorista. Atento o denominado “efeito boomerang”, podem até desencadear respostas mais frequentes e violentas dessas organizações,

concedendo-lhes até um maior grau de legitimação, e base de apoio e recrutamento. No contexto de acções ofensivas, especialmente aquelas com recurso a operações especiais e acções encobertas de que o contraterrorismo faz uso, a eliminação de HVT parece ser a resposta mais frequente por parte de Estados cujas estratégias contemplam, em larga medida, o recurso frequente ao instrumento militar na acção contraterrorista⁹.

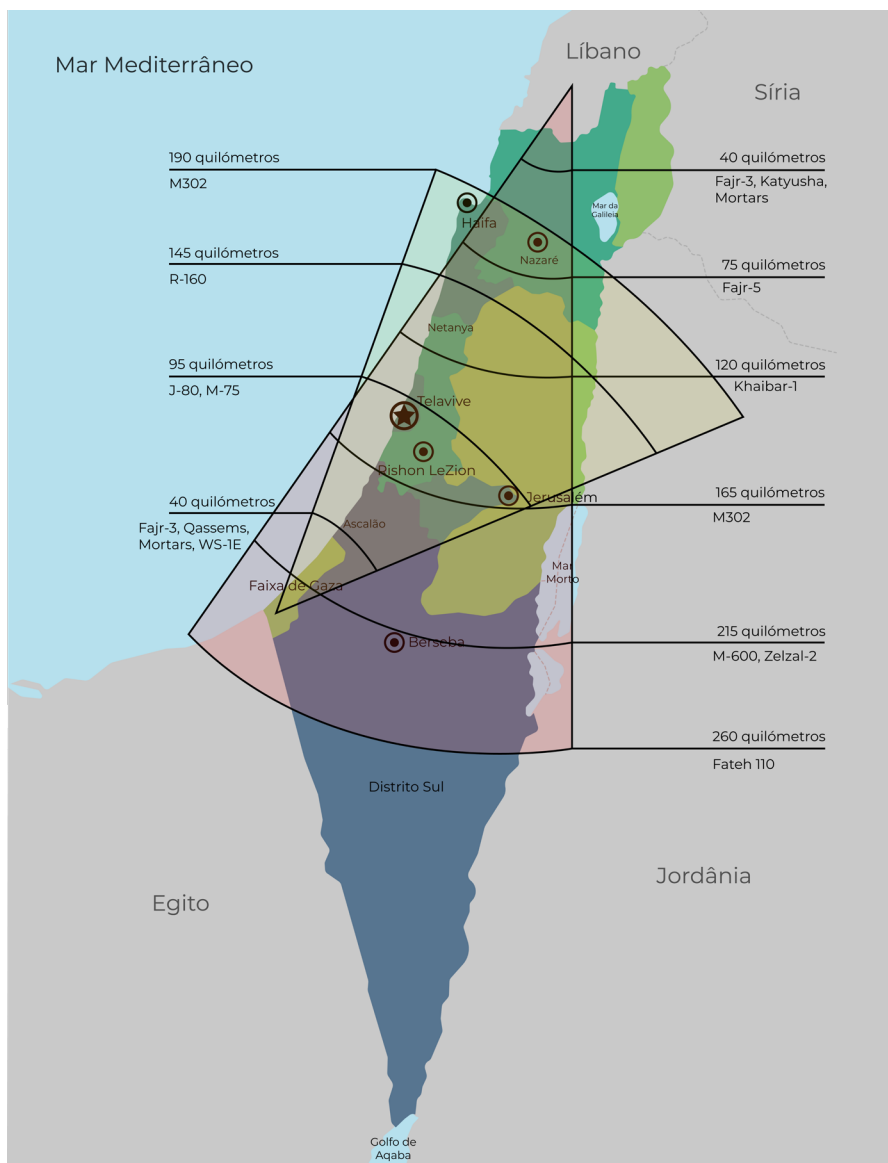
“O Irão não hesitará em influenciar o conflito, empurrando o Hezbollah para o teatro de operações(...)”

Ganor¹⁰, num estudo recente sobre a (inexistência de) estratégia contraterrorista de Israel, e entrevistando ex-líderes das agências de segurança e de defesa israelitas, refere que, em geral, todos fazem menção à “ausência de uma Magna Carta Contraterrorista”, existindo apenas uma panóplia de técnicas e de táticas desenhadas, implementadas e testadas ao longo do tempo, como resposta às diversas ameaças, e sucessivamente (re)adaptadas em cada novo contexto específico.

A inexistência de uma estratégia contraterrorista formal – mas apenas de uma “política” contraterrorista – não é, porém, factor de vulnerabilidade para Israel. Segundo Ganor¹¹, “na sua essência, o contraterrorismo é uma forma de arte. A arte de combate ao

terrorismo envolve um equilíbrio entre várias alternativas de acção, por vezes contraditórias, abrangendo diferentes ideologias e visões do mundo, e consistindo numa variedade de abordagens e medidas”. Forma de arte que deve “encontrar o equilíbrio necessário entre acções que visam neutralizar a capacidade operacional de uma organização terrorista e aquelas destinadas a neutralizar a motivação subjacente aos actos de terrorismo”. Fórmula que, no caso concreto do presente conflito, tem aplicação diferenciada devido à multiplicidade de actores envolvidos. Não é recente o apoio do Hezbollah ao Hamas. Um documento dos serviços de informações palestinianos de 2001 refere que, sob a égide e financiamento do Irão, autoridades do Hamas, da Jihad Islâmica Palestiniana e do Hezbollah reuniram-se em Damasco com vista “a aumentar a actividade terrorista conjunta dentro de Israel, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza”¹². Na década de noventa do passado século, o Hezbollah intensificou a sua acção ofensiva contra Israel, quer no financiamento ao Hamas, através da criação de infra-estruturas terroristas na Faixa de Gaza, quer através da criação da Unidade 1800 do Hezbollah, responsável pelas operações de recrutamento e infiltração de fontes humanas em território israelita, recolha de informações, selecção e vigilância de alvos, e planeamento e execução de ataques terroristas. Neste sentido, a ameaça terrorista proveniente do Hezbollah não está localizada apenas a Norte de Israel, na fronteira com o Líbano, mas está há muito instalada nos territórios palestiniano e israelita.

Ameaças ao território de Israel - Hezbollah (Líbano) e Hamas (Gaza)



Conclusões

Nesta “guerra Israel-Hamas”, cuja duração e escalada não é possível prever, o Estado de Israel confrontar-se-á com um Hamas com grandes capacidades militares, e com vontade e ideologia sólidas, que contará com inúmeros apoios de outras organizações terroristas e de alguns Estados. O Irão não hesitará em influenciar o conflito, empurrando o Hezbollah para o teatro de operações, com eventuais repercussões na escalada do conflito. A Irmandade Muçulmana continuará a sua “jihad silenciosa”, através do seu proselitismo clandestino – ad-da’wa as-sirriyya¹³, que permite a acção encoberta do seu “Aparelho Secreto”, à escala global, onde se inclui uma extensa rede de influência política e social há muito instaladas na Europa e nos Estados Unidos.

Este será um conflito que provocará, para lá do Médio Oriente, ondas de violência política e social, exacerbando sentimentos anti-semitas e islamofóbicos, polarização e confrontos sociais. Ataques terroristas aleatórios, serão perpetrados por indivíduos isolados ou células autónomas, inspirados pelos apelos da jihad global. Ainda que na forma de um simples “dia de raiva”. No “fogo cruzado”, envoltas em morte e sofrimento, estarão sempre as populações palestiniiana e israelita. A táctica de combate empregue por Batis, vinte e cinco séculos antes, serve agora aos terroristas do Hamas...e de cárcere a mais de duzentos reféns israelitas.

Referências

- ¹ Filiu, J-P. (2014). *Gaza, A History*. New York: Oxford University Press.
- ² Embora fundado por operacionais da Jihad Islâmica Palestina, o Batalhão integra elementos das Brigadas al-Qassam, dos Mártires de al-Aqsa e outros grupos dissidentes da facção violenta da Fatah.
- ³ Doravante, designadas pela sigla FDI.
- ⁴ <https://www.idf.il/en/mini-sites/hamas-israel-war-articles-videos-and-more/general-articles/hamas-terrorists-brought-isis-flags-to-massacre-israeli-children-women-and-men/>
- ⁵ Anteriormente denominado Jabhat al-Nusra e Jabhat Fateh al-Sham, respectivamente.
- ⁶ Ganor, B., Halperin-Wernli, M. (2015). The Paris Black Friday 13/11/2015 Attacks - A Captagon Connection? International Institute for Counter-Terrorism. <https://ict.org.il/UserFiles/ICT-PBFA-A-Captagon-Connection.pdf>
- ⁷ High-Value Target, na terminologia anglo-saxónica.
- ⁸ Jordan, J. (2019). *Leadership Decapitation, Strategic targeting of terrorist organizations*. Stanford: Stanford University Press.
- ⁹ Matos, H. (2012). Contraterrorismo Ofensivo. O "targeted killing" na eliminação de alvos terroristas: o caso dos EUA e de Israel, JANUS. NET e-journal of International Relations, 3 (2): 122-147. http://observare.ual.pt/janus.net/pt/component/content/article/66-portugues-pt/v-3-n-2-2012-outono/artigos/194-pt-pt_vol3_n2_art7 e Matos, H. (2019). Requiem para o "Estado Islâmico"? Jihadismo na Europa – infiltração, dissimulação e engano no planeamento de ataques terroristas (pp. 37-65). In Fagundes, C., Lasmar, J., & Chuy, J. (org.). *Perspectivas do Terrorismo Internacional Contemporâneo*. Belo Horizonte: Arraes Editores.
- ¹⁰ Ganor, B. (2021). *Israel's Counterterrorism Strategy*. New York: Columbia University Press, pp. 10-14.
- ¹¹ Idem, p. 333.
- ¹² Levitt, M. (2013). *Hezbollah, The Global Footprint of Lebanon's Party of God*. Washington, DC: Georgetown University Press. P.208.
- ¹³ Farahat, C. (2022). *The Secret Apparatus, The Muslim Brotherhood's industry of Death*. Nashville: Bombardier Books.

Outras Referências e Notas

- Filiu, J-P. (2012). The origins of Hamas: Militant Legacy or Israeli Tool? *Journal of Palestine Studies*, 41 (3): 54–70. <https://doi.org/10.1525/jps.2012.XLI.3.54>